PRIMEIRO MINISTRO

ALOCUÇÃO DE
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO
NA ESCOLA DE ESTUDOS INTERNACIONAIS S. RAJARATNAM (RSIS)

"TIMOR-LESTE E A ASEAN: UM NOVO CAPÍTULO NA HISTÓRIA DA REGIÃO"

Singapura

15 de julho de 2025

Palácio do Governo,
Avenida Presidente Nicolau Lobato,
Dili, Timor-Leste

Sua Excelência, Sr. Chee Hong Tat, Ministro do Desenvolvimento
Excelências
Distintos Académicos
Estudantes e amigos, senhoras e senhores,

É um prazer regressar a Singapura e uma honra poder discursar, mais uma vez, na Escola de Estudos Internacionais S. Rajaratnam.

Quando aqui estive pela última vez, em 2013, refleti sobre o lema da RSIS: "ponderar o improvável".

Na minha intervenção, abordei a improvável jornada do povo timorense: de séculos de domínio colonial, passando pela ocupação e resistência, até à independência e ao desenvolvimento assente na paz.

Falei também de acontecimentos improváveis que moldaram os assuntos globais.

Um deles foi a Crise Financeira Global — inesperada e de grande alcance. O seu impacto continua a corroer a confiança do público nas instituições financeiras e políticas no Ocidente e em todo o mundo.

Outro foi a Primavera Árabe. Poucos imaginariam, então, que um simples ato de desafio numa pequena localidade tunisina desencadearia uma vaga de convulsão por toda a região — cujos ecos ainda hoje moldam o panorama do Médio Oriente.

Doze anos passaram, e hoje enfrentamos mudanças e desafios ainda maiores — inesperados e transformadores.

Assistimos a guerras no Médio Oriente e na Ucrânia, conflitos internos em Estados frágeis em África e noutras regiões do globo, à emergência da inteligência artificial, ao colapso do direito internacional e à utilização da política comercial como instrumento de poder.

E, no entanto, no meio de tanta mudança, as forças que definem a nossa era — sobre as quais falei há doze anos — continuam a moldar o nosso mundo.

Os Estados frágeis estão mais vulneráveis do que nunca. A desigualdade está a tornar-se mais enraizada.

Em todo o mundo, o dano que estamos a causar ao clima, ao ambiente e aos recursos partilhados compromete o nosso futuro.

A pobreza extrema persiste — expondo a profundidade do fracasso do sistema internacional em ajudar o mundo em desenvolvimento.

Estes desafios são hoje mais intrincados, mais urgentes e menos tolerantes.

É por isso que instituições como a RSIS são tão importantes. Quero agradecer-vos por me receberem novamente. Continuam a desempenhar um papel essencial na compreensão aprofundada da segurança, diplomacia e desenvolvimento da nossa região. Num tempo de incerteza global, a vossa missão é mais vital do que nunca.

Singapura, por si só, é um exemplo poderoso. Enquanto pequeno Estado numa região complexa, tem navegado com clareza e competência neste mundo dividido — equilibrando relações sem comprometer os seus interesses e princípios.

Singapura é também um exemplo único de desenvolvimento nacional — construiu uma economia moderna e de alto rendimento através de liderança estratégica, visão a longo prazo e um forte compromisso com a coesão social.

Sendo igualmente um pequeno Estado, Timor-Leste inspira-se neste exemplo. Podemos não partilhar todas as forças de Singapura, mas partilhamos a necessidade de sermos resilientes, de saber navegar a mudança e de falar com propósito num mundo imprevisível.

É neste espírito que hoje vos falo — não para recontar o passado, mas para partilhar a forma como Timor-Leste vê o futuro da nossa região, e como podemos contribuir para ele.

Quando me dirigi à RSIS em 2013, Timor-Leste estava ainda a sair da longa sombra da ocupação e do conflito.

Lembro-me de visitar aldeias nas montanhas durante esses anos — falando com famílias que tinham perdido tudo, mas que ainda acreditavam no futuro que procurávamos construir. Queriam que a nossa luta tivesse significado — e que proporcionasse aos seus filhos uma vida com dignidade e esperança.

Estávamos a consolidar a paz e a construir, do zero, os alicerces de um Estado funcional — com instituições frágeis, poucos recursos humanos e depois de um processo complexo de reconciliação, tanto com a Indonésia como dentro da nossa própria sociedade.

Desde então fizemos grandes progressos. Reforçámos as instituições do Estado, construímos infraestruturas por todo o país e desenvolvemos a capacidade estatal para responder às necessidades do nosso povo.

Garantimos a paz e construímos uma democracia liberal — com uma economia aberta, uma sociedade livre e um firme compromisso com os direitos humanos e o Estado de Direito.

Mas continuamos a ser um país jovem e em desenvolvimento. Os nossos desafios são reais. E enfrentamo-los num ambiente global menos estável, menos justo e menos previsível.

As certezas do passado desapareceram. As instituições da ordem do pós-guerra estão a desmoronar-se.

A rivalidade entre grandes potências regressou à nossa região. A cooperação económica já não é considerada um caminho para a paz, mas sim uma fonte de risco estratégico.

As nações falam em defender uma ordem baseada em regras — mas parece que o direito internacional só se aplica quando convém às grandes potências.

O melhor exemplo da inaplicabilidade do direito internacional é o que estamos a testemunhar em Gaza, onde violações do direito humanitário têm causado um sofrimento intolerável ao povo palestiniano.

Está a emergir um mundo multipolar, ao mesmo tempo que as instituições multilaterais vão enfraquecendo.

E temos uma Organização das Nações Unidas impotente perante a guerra, as alterações climáticas e o agravamento das desigualdades.

Não se trata de uma "nova ordem mundial", mas sim de um "mundo da desordem".

É também neste mundo que a nossa região tem de saber navegar — e é neste mundo que a ASEAN opera hoje.

Neste mundo, a ASEAN é mais relevante do que nunca.

Durante quase seis décadas, a ASEAN tem ajudado a transformar uma região outrora dividida numa das mais estáveis e cooperantes do mundo.

Os seus princípios fundamentais — não ingerência, consenso, resolução pacífica de litígios e respeito mútuo — forneceram uma base de confiança entre nações muito diferentes.

Nem sempre é fácil. Existem divergências no seio da ASEAN, como em qualquer família. Mas essas divergências têm sido geridas com moderação, diálogo e um compromisso duradouro com a paz e prosperidade partilhadas.

Timor-Leste admira esta realização. A ASEAN não é apenas uma instituição, é a manifestação de uma cultura regional de cooperação — que permitiu a países com histórias, sistemas políticos e níveis de desenvolvimento distintos sentarem-se à mesma mesa e trabalharem em conjunto.

A ASEAN demonstrou — como Timor-Leste aprendeu da forma mais difícil — que não pode haver desenvolvimento sem paz, nem paz sem desenvolvimento.

Ao fazê-lo, a ASEAN ajudou a transformar o Sudeste Asiático de um palco da Guerra Fria numa das regiões mais dinâmicas do mundo em termos de crescimento e estabilidade.

Timor-Leste faz parte do Sudeste Asiático. O nosso caminho para a independência foi moldado pela solidariedade internacional.

Embora tenham sido necessários 24 anos de ocupação e grandes sacrifícios por parte do povo timorense, as Nações Unidas e o direito internacional desempenharam um papel fundamental — e o apoio regional foi decisivo.

Na nossa transição para a independência, compreendemos que, para sermos um Estado responsável e estável, teríamos de ser um bom vizinho.

É por isso que valorizamos tanto a importância de não perturbar o equilíbrio estratégico e de segurança da nossa região.

É por isso que a nossa primeira prioridade foi a reconciliação com a Indonésia.

É por isso que o multilateralismo e a cooperação regional são centrais na nossa política externa e na forma como entendemos e exercemos a soberania.

Candidatámo-nos à adesão à ASEAN com o forte incentivo da Indonésia.

Tínhamos consciência da distância entre as nossas capacidades e as de muitos membros da ASEAN — em infraestruturas, recursos humanos e força económica.

Mas também sabíamos que fazemos parte do Sudeste Asiático — e que, neste mundo incerto, não podíamos ficar sós.

Na ASEAN, vemos um enquadramento que defende a soberania — mas que também exige que cada um de nós a exerça com cuidado, contenção e consideração pelos nossos vizinhos.

Temos profundo respeito pelos princípios da ASEAN, tal como estabelecidos na Carta da ASEAN.

Estes incluem:

- Respeito pela independência, soberania e não ingerência nos assuntos internos dos Estados-membros da ASEAN;
- Um compromisso partilhado e responsabilidade coletiva para reforçar a paz, segurança e prosperidade regionais;
- Adesão ao Estado de direito, boa governação e aos princípios da democracia e do governo constitucional;
- Respeito pelas liberdades fundamentais e a promoção e proteção dos direitos humanos; e
- A centralidade da ASEAN.

Vemos a ASEAN como uma comunidade de nações comprometidas com a paz, o respeito mútuo e o progresso partilhado.

Apoiamos o princípio da não ingerência. Compreendemos, tão bem como qualquer outra nação, a dor provocada pela interferência e dominação estrangeiras.

E também acreditamos que uma ASEAN centrada nas pessoas deve respeitar a dignidade e os direitos dos seus cidadãos.

Estes não são valores concorrentes da ASEAN — são complementares. E são ainda mais importantes num mundo cada vez mais instável.

Vivemos agora num mundo cada vez mais multipolar — moldado por múltiplos centros de poder, cada um com a sua própria história, interesses e visão do mundo.

Essa diversidade traz complexidade, mas também oportunidades. É um ambiente que a família ASEAN conhece bem — e que pode navegar com experiência.

Com pensamento inovador, diplomacia cuidadosa e um compromisso renovado com as regras e a cooperação, a ASEAN pode ajudar a enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais fragmentado, contestado e incerto.

Mas, à medida que os recentes desenvolvimentos internacionais se desenrolam, o desafio torna-se mais difícil.

Demasiadas potências já nem sequer fingem respeitar o direito internacional. Se antes a conduta dos assuntos globais era enquadrada pela linguagem do direito, hoje até esse véu desapareceu.

A retórica de uma “ordem baseada em regras” é invocada demasiadas vezes para dar a ilusão de princípio — aplicada quando convém, ignorada quando não convém. Isso não é um sistema jurídico. É um sistema de poder.

Se permitirmos que isto continue, o direito internacional tornar-se-á apenas uma lição de história ensinada nas universidades — uma memória de como o mundo tentou, em tempos, prevenir a violência com base em princípios.

Esta erosão das normas globais não é visível apenas na guerra. É também evidente na paz.

A economia global — outrora motor de prosperidade partilhada — serve agora os interesses de poucos.

Para muitos países, a promessa de desenvolvimento permanece fora de alcance, enquanto a desigualdade extrema se enraíza cada vez mais.

Ao recusar reconhecer esta realidade estrutural, o Ocidente ficou sem respostas para resolver a pobreza global.

Os países frágeis continuam aprisionados — sujeitos a decisões tomadas por potências que há muito ditam como os outros devem ser governados.

É por isso que Timor-Leste foi um dos membros fundadores do g7+ — uma plataforma para que os países frágeis falem a uma só voz, reivindiquem a propriedade dos seus caminhos de desenvolvimento e exijam o reconhecimento dos desafios únicos que enfrentam na construção de Estados resilientes e de uma paz duradoura.

Atualmente, vinte nações frágeis, pós-conflito e em desenvolvimento são membros do g7+, que desde 2019 tem Estatuto de Observador nas Nações Unidas.

Senhoras e senhores,

Timor-Leste procura a adesão plena à ASEAN com um forte sentido de responsabilidade — e um profundo sentimento de pertença.

Vemo-nos não como forasteiros a entrar num clube, mas como cidadãos do Sudeste Asiático a juntar-se formalmente a uma família regional.

Acreditamos que os desafios globais dos Estados frágeis, da pobreza extrema, dos conflitos generalizados, da desigualdade enraizada e da destruição ambiental tornam a ASEAN mais importante do que nunca.

A ASEAN é um dos poucos agrupamentos regionais do mundo que conseguiu preservar simultaneamente coesão e independência.

Recusou ser um peão de qualquer grande potência. Escolheu o consenso em vez da coerção. E deu prioridade à diplomacia em detrimento da divisão.

Isto não é uma conquista menor — e não deve ser tida como garantida. Perante mudanças geopolíticas desestabilizadoras, a ASEAN continua a provar a sua relevância para o futuro, tanto a nível global como para os povos da nossa região.

Apresenta uma voz coerente para a estabilidade, independência e prosperidade regionais — com a centralidade da ASEAN no seu cerne.

Timor-Leste estudou os compromissos, as obrigações e as instituições da ASEAN.

Estamos a alinhar as nossas leis e políticas nacionais para cumprir os requisitos de adesão.

Estamos a investir nas nossas instituições e no nosso povo para garantir que podemos contribuir de forma significativa para os três pilares da ASEAN: a Comunidade Política e de Segurança, a Comunidade Económica e a Comunidade Sociocultural.

Para nós, a adesão à ASEAN não é um destino. Não é um fim em si mesmo.

É antes um quadro de paz e prosperidade regionais para o qual queremos contribuir — e que queremos defender.

Trazemos à ASEAN um forte compromisso com a cooperação, uma visão e um propósito comuns.

Temos uma população jovem, ansiosa por aprender e crescer. E oferecemos oportunidades no turismo, agricultura e recursos naturais.

Estamos também a promover a nossa Economia Azul para apoiar o desenvolvimento sustentável e proteger a nossa biodiversidade marinha e o ambiente.

Procuramos não apenas investimento, mas também ideias, parcerias e solidariedade.

O Plano Estratégico de Desenvolvimento do nosso país define uma visão a longo prazo para o crescimento inclusivo, o desenvolvimento de infraestruturas e o investimento no capital humano.

A ASEAN pode ser central para essa visão — e acreditamos que Timor-Leste, por sua vez, pode acrescentar valor à ASEAN.

Todos queremos uma região pacífica, conectada e próspera.

E acreditamos que esse futuro reside numa cooperação mais profunda e numa inclusão mais alargada — onde nenhum país da nossa região fica para trás, e onde cada voz tem lugar à mesa.

A integração regional será essencial para essa visão e para a construção de uma comunidade mais forte e resiliente — uma comunidade que retira força da sua diversidade e permanece unida perante a incerteza.

Timor-Leste aguarda com expectativa a Cimeira da ASEAN em outubro. Acolhemos com gratidão o forte apoio que temos recebido dos países à nossa adesão à ASEAN.

Timor-Leste procura juntar-se à ASEAN com um profundo sentido de responsabilidade e um grande otimismo.

Fazemo-lo não para permanecermos sós, mas para permanecermos com os outros — para trabalharmos em conjunto, falarmos em conjunto e crescermos em conjunto.

A nossa esperança é simples: que o próximo capítulo da história do Sudeste Asiático seja escrito por todos nós — com um propósito comum e com uma crença partilhada na paz, na dignidade e no poder da solidariedade regional.

Muito obrigado.
Kay Rala Xanana Gusmão